

ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO E O SOCIAL: O GRUPO COMO REVELADOR DE TEMPOS E PROCESSOS

Eixo Temático: A técnica do AT em seus diversos campos de atuação

Autores:

Bruna Giolito Melissopoulos,

Lucas Ribeiro Arruda,

Marina Malta Farina

Equipe de AT do Núcleo Criação em parceria com Projeto Humanitas

Brasil

RESUMO

A partir de uma experiência de acompanhamento terapêutico com um grupo de adolescentes com idade de 13 a 18 anos, descrevemos um recorte clínico. No decurso dos encontros, observamos a dificuldade dos adolescentes de se inserirem no ambiente cultural. A partir dessas especificidades vivenciadas com o grupo, pudemos tecer reflexões sobre o papel do A.T. e o espaço cultural e social. Constatamos que o trabalho favoreceu aos participantes o estabelecimento de novos vínculos e o desenvolvimento de uma maior autonomia em relação ao ambiente. Concluímos que a proposta de A.T., em um grupo de adolescentes com deficiências, em âmbito social, permite a construção de processos subjetivos a partir do tempo interno de cada sujeito.

Palavras-chave: Acompanhamento terapêutico – grupo – adolescente – social – deficiência.

Link: <https://youtu.be/ZLlwHPmfeSY>

ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO E O SOCIAL: O GRUPO COMO REVELADOR DE TEMPOS E PROCESSOS

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende abordar uma experiência de acompanhamento terapêutico (A.T.) de um grupo de adolescentes de 13 a 18 anos, realizada através do projeto de nome Grupo Revela Cidade. O projeto foi desenvolvido pela Equipe de Acompanhamento Terapêutico do Núcleo Criação em parceria com o Projeto Humanitas. Com encontros mensais, nos reunimos inicialmente na clínica de atendimento da equipe, localizada no bairro Sumarezinho, em São Paulo, e, junto aos adolescentes, pensamos as possibilidades de se explorar a cidade a partir do que esta nos oferece. Com particularidades psíquicas, cognitivas e orgânicas, os participantes chegam ao grupo com questões referentes a um isolamento social, buscando, assim, por novos espaços de circulação e de interação com seus pares.

Considerando as dificuldades dos adolescentes, percebemos que o grupo possui uma característica em comum, as relações em âmbito familiar como principal referência de interação. Sendo assim, em qual medida se faz necessária a presença do A.T. para o incentivo e desenvolvimento de autonomia dos participantes do grupo?

No início deste trabalho, faremos algumas considerações sobre o papel do A.T. e, a partir deste tema, iremos introduzir o conceito de transferência de Winnicott (1975) para refletir sobre as particularidades desta atuação. Na sequência, iremos descrever e refletir a respeito de uma cena que consideramos significativa, decorrida de um dos encontros em grupo. Por fim, realizaremos algumas ponderações para concluir o presente trabalho.

I. O PAPEL DO A.T. E A TRANSFERÊNCIA

Podemos dizer que o trabalho de A.T. pode ser realizado em variados settings. O profissional de A.T. pertence à uma equipe interdisciplinar que tem

como prática terapêutica o desenvolvimento da criança/adolescente na sua constituição como sujeito (JERUSALINSKY, 2017).

Para Berlink (2013), o A.T. proporciona para o paciente um lugar de relação, por isso que o autor diz que o A.T. centra em estar com o outro, sobretudo com a dor e o sofrimento do paciente, e no vínculo subjetivo.

Desta forma, o trabalho do A.T. em grupo tem como objetivo a construção de uma identidade entre os participantes, possibilitando armar um vínculo entre eles, de forma que possam experimentar novas oportunidades de relação. Esta construção torna possível também a aproximação entre as diferentes formas de ser (JERUSALINSKY, 2017).

Nesse contexto, considerando as experiências do Grupo Revela Cidade, é possível identificar que, como aponta Jerusalinsky (2017), o trabalho em A.T. proporciona aos adolescentes a troca de experiências vividas de uma forma mais livre, espontânea e com menos sofrimento de estar nesse mundo, uma vez que é possível circular entre os espaços a partir das singularidades e especificidades de cada sujeito.

Uma parte fundamental do trabalho do A.T. com adolescentes é o auxílio na construção de uma autonomia e espontaneidade. Para isso, a transferência se mostra uma ferramenta essencial, bem como aponta Freud, ao introduzir esta temática no tratamento psicanalítico.

A contribuição de Winnicott (1975) a respeito da temática da transferência se dá ao introduzir o conceito de espaço potencial, apresentando o acontecimento da transferência como não pertencendo ao paciente ou ao terapeuta, mas a um espaço que se forma entre os dois. Considerando a relação mãe-bebê, Winnicott fala de um entorno que acolhe o recém-nascido, ou seja, entra em jogo o espaço potencial entre sujeito e ambiente, e sujeito e mundo. É fundamental pensarmos como o mundo entra no campo transferencial quando refletimos sobre a prática do A.T.

Em relação à transferência, Maurício Porto (2015) aponta: “o envolvimento nesta atmosfera repleta de elementos estrangeiros, comum ao estar no *socius*, quase se opõe à atmosfera familiar da situação analítica” (p. 139). Na sequência, sobre o trabalho do A.T., Porto conclui: “a constituição de si e do mundo não tem como ponto de partida nem o sujeito, nem o outro ou o objeto, e sim o Acontecimento” (p. 143).

II. CENA DO CAFÉ

Enquanto a água começava a esquentar, I. e J. ficaram debruçados sob o fogão, olhando para dentro da chaleira. M. estava sentado na mesa da cozinha, e iria participar mais tarde da tarefa de fazer o café. No encontro anterior, a pedido de I., íamos ensiná-los a fazer café: os três adolescentes nunca haviam feito antes.

Em um determinado momento, quando a água já começava a acumular bolinhas de ar no fundo da panela, um dos A.T. disse para J. e I.: “O tempo de espera é quando a água começar a borbulhar. Quando começarem as bolhas, podem tirar”. J., desde o início silencioso, não tirava a mão do botão giratório que desligaria o fogo, como se não quisesse por um segundo atrasar o tempo em que a água estaria no ponto. Já I., também olhando atentamente a água, imóvel, ficava a cada trinta segundos, aproximadamente, dizendo: “Será que já não está bom?”.

Por fim, eles decidem tirar do fogo a chaleira. O A.T. falou para eles que a água estava ainda fria para o café, mas eles não se importaram com essa informação e afirmaram que a água já havia aquecido. Assim, eles esperaram mais alguns instantes e decidiram tirar a chaleira do fogo. M., um adolescente que tem deficiência visual, se levantou e veio para perto do café, ouviu com a ajuda do outro AT o café sendo coado, ajudou a colocar o café no coador, e sentiu o calor da água quente pelas mãos.

III. REFLEXÃO DA CENA

A partir da descrição feita no item anterior, observamos uma cena do cotidiano na qual normalmente realizamos quase que mecanicamente. No entanto, a relação que o grupo estabeleceu nesta tarefa foi de implicação e cuidado. Assim, pudemos refletir sobre o tempo que concedemos no acontecer de diferentes ocupações e a importância de se levar em conta um processo subjetivo.

Em nosso trabalho junto ao grupo, por vezes reconhecemos uma tendência a aceleração dos processos alheios, porém trabalhamos a tolerância

à espera e, ao dispensarmos de um saber prévio, abrimos margem à construção de uma aposta, um saber outro, como, por exemplo, qual a temperatura ideal para o borbulhar. Ao nos atentarmos para o processo de alguém, passamos a refletir não só no trabalho como A.T., mas em como cada família acompanha os processos de seus filhos, bem como de que maneira cada adolescente entra em contato com seu próprio processo.

Acompanhamos esses adolescentes que possuem certas limitações de contato com o mundo no geral, com a cidade e outras pessoas, mas é notório o envolvimento e cuidado que tiveram no processo de aprender a fazer um café. Assim, fica evidente para nós a relação que eles estabelecem com o mundo, um espaço pontencial, favorecedor de seu desenvolvimento.

IV. CONCLUSÃO

Após o encontro onde se discorre a cena descrita acima, J. passou a fazer café em casa frequentemente, para toda a família. Estes adolescentes, que muitas vezes são vistos como deficitários da condição de interagir com o novo ou de se relacionar em grupo, expressam sua verdadeira potencialidade ao nos apontar que, para fazer um café, é mais importante “conversar com o café”, ou seja, estabelecer uma relação viva com o que se está fazendo, ao invés de agir segundo referências que pré-determinam o acontecimento dos processos.

O processo de preparação de um (a princípio) simples café pode ser concebido de diferentes perspectivas e, enquanto alguém se debruça sobre o processo de intensidade do fogo, outro pode acompanhar o processo de ebulição da água; no fim, todos estão imersos em um processo subjetivo, (a)temporal, no qual ao mesmo tempo em que se tem por referência o tempo do café, há também o tempo interno de cada um.

Não é esse um problema fundamental da sociedade como um todo, não perceber a especificidade das diversas situações? Não entrar em relação mais estreita com os processos e agir prévia e tecnicamente determinando-os? Compreendemos que esta temática requer pesquisas e novos saberes e, para tanto, é importante salientar a relevância de persistir nas indagações e reflexões acerca do universo do A.T. no meio social, não se esgotando, assim,

a discussão sobre a influência do grupo como contribuinte na construção dos processos internos.

V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREUD, S. A dinâmica da transferência. In: *Obras Completas, Volume XII, Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre a técnica e outros textos.* São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 133-146.
- JERUSALINSKY, J. (ORG). A especificidade do Acompanhamento Terapêutico: travessias e travessuras. In: *Travessias e travessuras no acompanhamento terapêutico.* Salvador: Agálma, 2016. p. 37-51.
- PORTO, P. *Acompanhamento terapêutico.* 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015 (Coleção Clínica Psicanalítica) 304p.
- WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade.* Rio de Janeiro: Imago, 1975. 208p.
- BERLINK, L. C. O acompanhante terapêutico no discurso dos discursos dos acompanhantes terapêuticos: análise institucional do discurso, São Paulo, 2013.

ACOMPAÑAMIENTO TERAPÉUTICO Y SOCIAL: EL GRUPO COMO REVELADOR DE TIEMPO Y PROCESOS

Bruna Giolito Melissopoulos

Lucas Ribeiro Arruda

Farina de Marina R. C. Malta

RESUMEN

De una experiencia de acompañamiento terapéutico con un grupo de adolescentes entre 13 y 18 años, describimos un recorte clínico. Durante las reuniones, observamos la dificultad de los adolescentes a entrar en el entorno cultural. De estas particularidades experimentadas con el grupo, hemos sido capaces de realizar reflexiones sobre el papel del A.T. y el espacio cultural y social. Tomamos nota de que el trabajo favoreció a los participantes el establecimiento de nuevos vínculos y el desarrollo de una mayor autonomía en relación con el medio ambiente. Concluimos que la propuesta de A.T., en un grupo de adolescentes con discapacidad, en el ámbito social, permite la construcción de procesos subjetivos desde el interior de cada sujeto.

Palabras clave: acompañamiento terapéutico – grupo – adolescente – social – discapacitados.

INTRODUCCIÓN

El presente trabajo se propone a la dirección un experimento de acompañamiento terapéutico (A.T.) de un grupo de adolescentes de 13 a 18 años de edad, llevó a cabo a través del proyecto revela grupo nombre de la ciudad. El proyecto fue desarrollado por el equipo de acompañamiento terapéutico del núcleo de la creación en colaboración con el proyecto Humanitas. Con reuniones mensuales, nos reunimos inicialmente en el equipo de servicio de la clínica, ubicado en Sumarezinho, en São Paulo, y, junto con los adolescentes, creemos que las posibilidades para explorar la ciudad del este ofrece. Con particularidades psicológicas, cognitivas y orgánicas, los participantes llegan en el grupo con preguntas sobre aislamiento social, buscando nuevos espacios de movimiento y la interacción con sus compañeros.

Teniendo en cuenta las dificultades de los adolescentes, nos dimos cuenta de que el grupo posee una característica en común, las relaciones en la familia como la principal referencia. ¿Así, en qué medida es necesaria la presencia de la A.T. para el fomento y desarrollo de la autonomía de los participantes en el grupo?

Al principio de este trabajo, vamos a hacer algunas observaciones sobre el papel de la A.T. y, de este tema, vamos a introducir el concepto de transferencia de Winnicott (1975) para reflexionar sobre las particularidades de esta ley. Después, describir y reflexionar sobre una escena que consideramos significativos, después de una de las reuniones del grupo. Por último, llevará a cabo algunos pesos para completar este trabajo.

I. EL PAPEL DEL A.T. Y LA TRANSFERÊNCIA

Podemos decir que el trabajo del A.T. puede lograrse en una variedad de ajustes. El A.T. profesional pertenece a un equipo interdisciplinario en el que práctica terapéutica el desarrollo del niño/adolescente en su constitución como sujeto (JERUSALINSKY, 2017).

Para Berlink (2013), el A.T. proporciona al paciente un lugar de relación, por lo que el autor dice que el A.T. centra para estar con el otro, especialmente con el dolor y el sufrimiento del paciente y de lo subjetivo.

De esta manera, el trabajo de la A.T. en grupo tiene como objetivo construir una identidad entre los participantes, lo que es posible establecer un vínculo entre ellos, para que ellos puedan experimentar nuevas oportunidades. Esta construcción permite también al acercamiento entre las diferentes formas de ser (JERUSALINSKY, 2017).

En este contexto, teniendo en cuenta las experiencias de la ciudad de grupo revela, es posible identificar que como señala Jerusalinsky (2017), A.T. da adolescentes el intercambio de experiencias de una manera más libre, espontánea y con menos sufrimiento que en este mundo, puesto que es posible que circule entre los espacios de las singularidades y especificidades de cada sujeto.

Una parte fundamental del trabajo del A.T. con adolescentes es ayuda en la construcción de una autonomía y espontaneidad. Para esto, la transferencia muestra una herramienta esencial, así como los puntos mediante la introducción de este Freud en tratamiento psicoanalítico.

La contribución de Winnicott (1975) sobre el tema de la transferencia se produce por la introducción del concepto de espacio potencial, que muestra el día como no pertenecientes a la paciente o el terapeuta, sino un espacio que se forma entre los dos. Teniendo en cuenta la relación madre-recién nacido, Winnicott habla de un entorno que da la bienvenida a los recién nacidos, es decir, entra en juego el espacio potencial entre sujeto y entorno y sujeto y mundo. Es esencial pensar como el mundo entra en el campo de la transferencia cuando reflexionamos sobre la práctica de A.T.

En lo referente a la transferencia, Mauricio Oporto (2015) señala: "la participación en este ambiente llenado de elementos extraños, comunes en su asistente, casi imposibilita el ambiente familiar de la situación analítica" (p. 139). Como resultado, en el trabajo de la A.T., Porto concluye: "La Constitución del yo y el mundo tiene no punto de partida ni el tema, ni la otra o el objeto y el evento" (p. 143).

II. ESCENA DE CAFÉ

Como el agua empezó a calentarse, i. y j. fueron encorvadas bajo la estufa, buscando dentro de la caldera. M. estaba sentado en la mesa de la cocina y más tarde participaría en la tarea de hacer el café. En la reunión anterior, a petición de, les enseñamos cómo hacer café: nunca antes habían hecho los tres adolescentes.

En un momento, cuando el agua comenzó a acumular bolas de aire en la parte inferior de la olla, uno de los A.T. dijo j. e i.: "el tiempo de espera es cuando el agua empieza a burbujejar. Cuando las burbujas, pueden tomar ". J., silencio desde el principio, no podía mantener el mando para encender el fuego, como si no quería retrasar por segunda vez en el agua sería el punto. Ya, también vigilando de cerca, aún agua, mantenido cada treinta segundos o así, diciendo: "Que es bueno?".

Finalmente, deciden tomar el fuego la tetera. El A.T. les dijo que el agua era frío para el desayuno, pero no se preocupan por esta información y reportó que ya había calentado el agua. Entonces esperó unos segundos más y decidió tomar el hervidor del fuego. M., una adolescente que tiene mala vista, se levantó y vino más cerca del café, escuchado con la ayuda de otra en el café se filtra, ayudó a poner el café en el colador, y sentía el calor de la agua caliente.

III. REFLEXIÓN DE LA ESCENA

De la descripción hecha en el punto anterior, vemos una escena de la vida cotidiana en la que normalmente se realizan casi mecánicamente. Sin embargo, la relación que establece el grupo en esta tarea fue de implicación y la atención. Por lo tanto, podríamos reflexionar sobre el tiempo que dimos en suceder diversas ocupaciones y la importancia de tomar en cuenta un proceso subjetivo.

En nuestro trabajo con el grupo, a veces reconocer una aceleración de la tendencia de los procesos de los demás, sin embargo trabajamos y tolerancia, con conocimiento previo, abren espacio para la construcción de una apuesta, un saber otro, como, por ejemplo, lo que la temperatura ideal para la burbuja. Cuando nos fijamos en el proceso de una persona, reflejan no sólo en

el trabajo sino en cómo cada familia A.T. acompaña el proceso de sus hijos, así como cada adolescente entra en contacto con su propio proceso.

Seguimos estos adolescentes que tienen ciertas limitaciones de contacto con el mundo en General, con la ciudad y otras personas, pero es evidente implicación y atención que tuvo en el proceso de aprender a preparar un café. Así, es claro para nosotros la relación que establecen con el mundo, un espacio potencial, favoreciendo su desarrollo.

IV. CONCLUSIÓN

Después de la reunión donde discute la escena descrita arriba, j. pasó a hacer café en casa a menudo, para toda la familia. Estos adolescentes, que a menudo se consideran como deficiente la interact con la nueva condición o enlace en grupos, expresar su verdadero potencial hasta el punto que, para hacer una taza de café, es más importante "hablar con el café", es decir, establecer un relación viva con lo estás haciendo, en lugar de actuar según las referencias determinan pré el evento.

El proceso de preparación de un café (inicialmente) simple puede diseñarse en diferentes perspectivas y, mientras alguien mira el proceso de la intensidad del fuego, se puede seguir el proceso de hervir el agua; al final, todos están inmersos en un proceso subjetivo, (la) línea de tiempo, en el que al mismo tiempo es la referencia de tiempo, también es el tiempo interno.

¿Esto no es un problema fundamental de la sociedad en su conjunto, la especificidad de las distintas situaciones? ¿No entrar en estrecha relación con la ley y procesos y los determinar técnicamente? Entendemos que este tema requiere investigación y nuevos conocimientos y, para ello, es importante destacar la importancia de persistir en preguntas y reflexiones sobre el universo de la A.T. en el entorno social, no agotando, así que el debate sobre la influencia del grupo como colaborador en construcción de procesos internos.

V. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREUD, S. La dinámica de la transferencia. En: *obras completas, volumen XII, observaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia registrados en autobiografía ("el caso Schreber")*, artículos sobre técnica y otros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 133-146.
- JERUSALINSKY, J. (ORG). La especificidad del acompañamiento terapéutico: cruce y travesuras. En: *cruces y travesuras en el acompañamiento terapéutico*. Salvador: Agálma, 2016. p. 37-51.
- PORTO, p. *acompañamiento terapéutico*. 1. ed. São Paulo: Casa del encogimiento, 2015 (colección de clínica psicoanalítica) 304p.
- WINNICOTT, d. w. *el juego y la realidad*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. 208p.
- BERLINK, acompañante terapéutico de I. c. en el discurso de los discursos que acompañan el discurso institucional: terapéutico, São Paulo, 2013.

•